



Colóquio sobre o  
**LEGADO  
CULTURAL  
E POLÍTICO DE  
MÁRIO PINTO  
DE ANDRADE**

● COLÓQUIO · 2026

DATA S

25, 28, 29 & 30 Maio

PROGRAMA OFICIAL

LOCAIS

CIDAC · FDUL · Mbongi67

# EXPOSIÇÃO ARQUIVÍSTICA, CONFERÊNCIAS, PAINÉIS TEMÁTICOS E MESAS-REDONDAS, SESSÃO CULTURAL, BANCAS DE LIVROS

**Datas:** 25, 28, 29 e 30 de Maio de 2026

## **Locais:**

Centro de Intervenção para Desenvolvimento Amílcar Cabral (CIDAC) – Rua Tomás Ribeiro, nº 3 a 9, Lisboa (Picoas)

Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (FDUL),  
Auditório 1 – Cidade Universitária

Espaço Cultural Mbongi 67 – Praceta António Sérgio 4A,  
Monte Abraão

**Organização:** Casa da Cultura da Guiné-Bissau (CCGB),  
Associação de Amigos de Sarah Maldoror e Mário de  
Andrade, Centro de Intervenção para o Desenvolvimento  
Amílcar Cabral (CIDAC), Fundação Bienal MoAC Biss, Centro  
de Estudos Internacionais-ISCTE e Núcleo de Estudantes  
Africanos da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa  
(NEA-FDL).

**Apoios:** Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa  
(FDUL), Falas Afrikanas, Mbongi 67, TudúTicket, LDA.

## ENQUADRAMENTO

Os atos celebrativos das lutas de libertação dos países africanos colonizados por Portugal são geralmente marcados por evocação das memórias das figuras liderantes dos movimentos de libertação que estiveram na vanguarda dos processos de independência. Esta realidade, consciente ou inconscientemente, produz silêncios e esquecimentos de outros protagonistas que desempenharam papéis decisivos na mobilização dos povos para as lutas anticoloniais, bem como tende a inibir o carácter coletivo e popular sem o qual era impossível estas revoluções triunfarem. Mário Pinto de Andrade é uma dessas figuras cujo papel preponderante no combate ao colonialismo português em África merece ser mais estudado e recordado.

Nasceu no dia 21 de Agosto de 1928, no Golungo Alto, em Angola, e faleceu no dia 26 de Agosto de 1990, em Londres. Foi sociólogo, membro-fundador do Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA) e seu primeiro Presidente entre 1960 e 1962, além de várias funções desempenhadas em instituições culturais e políticas de carácter unitário durante os anos de luta contra o colonialismo português em África. Um militante de primeira hora entre o grupo de estudantes integrantes da Casa dos Estudantes do Império (CEI) e que criou, em 1951, em Lisboa, o Centro de Estudos Africanos (CEA), um espaço para – como afirmou o próprio – “auto-consciencialização da cultura africana na sua globalidade, da civilização africana e das diversas culturas no quadro continental, e do mundo negro e para lá do mundo negro”<sup>1</sup>. Foi a partir das dinâmicas do CEA que Mário Pinto de Andrade estabeleceu os primeiros contactos com a *Présence Africaine*, prestigiada revista de cunho pan-africanista dirigida por intelectual senegalês Alioune Diop, em Paris. Viria a trabalhar para esta revista entre os anos de 1954 e 1958, tendo-lhe valido esta experiência contactos

<sup>1</sup> Laban, Michel (1997). *Mário Pinto de Andrade: uma entrevista*. Edições João Sá da Costa.

privilegiados com alguns dos mais notáveis intelectuais dos movimentos de negritude e pan-africanismo com atividades notáveis nas diásporas africanas e nos países independentes do continente, tais como, Aimé Césaire, Frantz Fanon, Léopold Sédar Senghor, Cheikh Anta Diop, entre outros.

Nos finais da década de 1950, Mário Pinto de Andrade participou em importantes eventos culturais e políticos organizados no quadro dos movimentos negros e pan-africanos em diferentes partes do mundo, nomeadamente: I Congresso de Escritores e Artistas Negros, em Paris (1956), que ajudou a organizar enquanto membro da *Présence Africaine*; Congresso dos Escritores Afro-Asiáticos, em Tachkent (1958); e II Congresso de Escritores e Artistas Negros, em Roma (1959). Para se engajar inteiramente nos trabalhos dos movimentos de libertação das colónias portuguesas em África, Pinto de Andrade deixa a *Présence Africaine* em 1958 e em 1960 passa a viver em Conacri, capital da Guiné, que ele considerava de capital dos movimentos de vanguarda na luta anticolonial, MPLA e PAIGC (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde).

Em 1962, Mário Pinto de Andrade deixou voluntariamente a presidência do MPLA para a escolha que julgava legítima, numa conferência realizada no mesmo ano, de Agostinho Neto como seu substituto. Em 1963, divergências de princípios com a direção liderada por Neto determinaram o seu afastamento do núcleo dirigente do MPLA. Desde 1961, entretanto, presidia a Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP). Em 1965, a reestruturação da organização impôs que a presidência passasse a ser exercida rotativamente pelos presidentes dos movimentos de libertação integrantes. A CONCP foi uma organização unitária que desempenhou um papel importante nas relações com aliados cruciais das lutas de libertação

desencadeadas pelos movimentos nacionalistas das colónias portuguesas, designadamente com a Guiné-Conacri, o Gana, a Argélia, o Marrocos, a URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), a China, a Cuba, entre outros.

Depois das independências das colónias portuguesas em África, Pinto de Andrade, em rutura definitiva com o MPLA, exilou-se em 1975 para a Guiné-Bissau, onde, a convite de Luís Cabral, primeiro Presidente da Guiné-Bissau, desempenhou as funções governativas de Coordenador-Geral do Conselho Nacional de Cultura (1976-1978) e de Ministro de Informação e Cultura (1978-1980). No plano internacional, em 1980, foi eleito membro do Conselho Executivo da UNESCO.

A par deste notável percurso na cultura e na política, marcado pelo compromisso revolucionário pelas independências das ex-colónias portuguesas em África e por uma visão ideológica pan-africanista que ultrapassava as fronteiras de Angola, país em que nasceu, Mário Pinto de Andrade publicou obras seminais sobre a cultura, a literatura e a história política da época de que foi um dos principais protagonistas. Destas obras, destacam-se Antologia da Poesia Negra de Expressão Portuguesa (1958), Amílcar Cabral – Essai de Biographie Politigue (1980), dois volumes de Antologia Temática de Poesia Africana (1976 e 1979) e Origens do Nacionalismo Africano (1997), reeditado em 2025 pela Letra Livre.

A dois anos da celebração do centenário do nascimento desta figura notável da “Geração de Cabral”, emprestando a sua designação para a sua época de militância revolucionária, a CCGB, a Associação de Amigos de Sarah Maldoror e Mário Pinto de Andrade, o CIDAC, a Fundação Bial MoAC Biss, o CEI-ISCTE e o NEA-FDUL unem-se para coorganizar um Colóquio pela evocação do legado cultural e

político de Mário Pinto de Andrade, no espírito da intersecção em que compreendia os dois universos em que se notabilizou enquanto intelectual militante. Esta iniciativa enquadra-se nos objetivos de resgate e valorização das memórias das figuras que marcam a história dos PALOP e de África, particularmente na vertente cultural, por possibilitar conexões com outras áreas do saber igualmente indispensáveis para o progresso da humanidade.



## PROGRAMA

**Bancas de livros:** Durante os dias das conferências e mesas-redondas na FDUL e da Sessão Cultural no Mbongi 67, a editora Falas Afrikanas organiza bancas de livros de autores e temáticas africanos, incluindo os de Mário Pinto de Andrade.

### 25-29 de Maio – Exposição arquivística

#### ***Mário Pinto de Andrade, Memória no papel***

A exposição Mário Pinto de Andrade, Memória no papel permitirá aos/às visitantes mergulhar nos bastidores da luta anticolonial, a partir do acervo do Centro de Documentação do CIDAC – Centro de Intervenção para o Desenvolvimento Amílcar Cabral, com livros, publicações periódicas, comunicações em conferências, artigos de e sobre Mário Pinto de Andrade, ilustrando a sua trajetória política, cultural e literária. Em pano de fundo, 4 painéis concebidos a partir dos arquivos de Mário Pinto de Andrade e ricamente ilustrados percorrerão várias facetas deste pensador militante e pan-africanista.

**Local:** CIDAC – Rua Tomás Ribeiro, nº 3 a 9, Lisboa (Picoas)

**Horário:** das 10:30 às 18:00 (de 25 a 29 de Maio)

**25 de Maio | 17:00** – Abertura da exposição

**Roda de conversa:** *Da memória no papel ao papel da memória – os arquivos e o anti-colonialismo em discussão*

**Moderadora:** Cristina Cruz (CIDAC)

**Oradoras:** Ângela Coutinho, Livia Apa e Luísa Teotónio Pereira

# CONFERÊNCIAS E MESAS-REDONDAS

## 28 de Maio

**Mestre do evento:** Edson Incopté (CCGB)

**Local:** Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa –  
Auditório 1

**Manhã:** 09:00-12:30

**Mesa de abertura:** 09:30-10:00

**Mote:** Evocar o legado e praticar os ensinamentos

**Intervenções:** Prof. Dr. Eduardo Vera-Cruz Pinto (Diretor da FDUL), Henda Ducados (Associação de Amigos de Sarah Maldoror e Mário de Andrade), Ana Lúcia Sá (CEI-ISCTE), Stéphane Laurent (CIDAC) e Sumaila Jaló (CCGB).

**Pausa-café:** 10:00-10:30

**Conferência de abertura:** 10:30-12:00

**Moderadora:** Ana Lúcia Sá (CEI-ISCTE)

***Mário de Andrade e o lugar do intelectual na luta armada anticolonial*** – Jean-Michel Mabeko Tali (Universidade de Howard).

**Resumo:** Examinar o percurso singular de Mário Pinto de Andrade permite apreender, com maior nitidez, as complexidades inerentes ao lugar do intelectual na produção das ideologias nacionalistas e na aplicação de princípios éticos e humanistas na reivindicação da independência. Tal análise revela não apenas o confronto direto com o sistema colonial, mas também a difícil gestão das dinâmicas internas dos movimentos nacionalistas, marcadas por tensões, disputas de legitimidade e reconfigurações estratégicas. Esta intervenção propõe-se, portanto, oferecer uma

abordagem de carácter geral sobre a questão do lugar do intelectual no contexto da luta armada anticolonial, tomando o caso de Mário Pinto de Andrade como ponto de observação privilegiado para compreender os dilemas, responsabilidades e vulnerabilidades que atravessaram esse papel histórico.

**Almoço:** 12:30-15:00

**Tarde:** 15:00-18:30

**Mesa-redonda I:** 15:00-16:30

***Mário – o Homem, o governante e um dinamizador cultural em exílio***

Nesta mesa-redonda, duas pessoas que conviveram com Mário Pinto de Andrade em contextos familiar, de governação e de dinamização cultural partilham connosco os seus testemunhos, como convite para olharmos para outras faces do Homem.

**Moderador:** Amadú Dafé (CCGB)

**Palestrantes:** Henda Ducados (ISCTE-IUL) e Tony Tcheka (escritor e jornalista)

**Painel I:** 16:30-18:00

***Mário Pinto de Andrade: intelectual militante, pensamento crítico e ação anticolonial***

**Moderador:** Luca Fazzini (CEComp/FLUL)

Este painel acolhe comunicações que analisam o percurso intelectual e político de Mário Pinto de Andrade enquanto figura central do pensamento anticolonial africano, destacando a articulação entre reflexão teórica, militância

revolucionária e intervenção histórica nos processos de libertação das colónias portuguesas em África.

### **Comunicações:**

**Mário Pinto de Andrade: Um intelectual engajado ao serviço das lutas de libertação nacional** – Julião Soares Sousa (Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade Coimbra – CEIS20)

**Resumo:** Mário Pinto de Andrade foi uma das mais destacadas figuras do pensamento político e cultural do século XX africano. No decurso da sua vida logrou conciliar e articular esse pensamento à reflexão intelectual e à prática revolucionária. Desta forma, a sua atuação é reveladora de que a produção intelectual não devia ser neutra perante regimes de opressão. Colocava assim a cultura e a história no centro do combate político, demonstrando que a identidade é um território dinâmico e em constante disputa. A comunicação pretende analisar o seu percurso como intelectual engajado na luta em Angola e nas outras colónias africanas de Portugal e na construção de uma consciência crítica anticolonial e pan-africanista.

**Mário Pinto de Andrade e Amílcar Cabral: uma amizade intelectual e política** – Ângela Coutinho (IPRI – Universidade Nova de Lisboa)

**Resumo:** Conhecidos em Lisboa enquanto estudantes universitários no imediato pós-2<sup>a</sup> Guerra Mundial, Amílcar Cabral e Mário Pinto de Andrade iniciaram uma amizade cujas consequências vieram a modificar o destino de África, e em particular, o dos povos sob dominação colonial portuguesa. Através da análise da documentação de arquivo disponível para consulta, procuraremos reconstituir as redes de sociabilidade intelectual e política que os foram tecendo ao longo de cerca de 25 anos de convivência.

**Mário Pinto de Andrade na Frente Leste: Etnógrafo do seu próprio país** – Elisa Scaraggi (Instituto de História Contemporânea – Universidade Nova de Lisboa)

Resumo: Esta comunicação analisa alguns dos documentos produzidos por Mário Pinto de Andrade durante a sua permanência, entre meados de 1971 e o início de 1972, numa base da guerrilha situada na fronteira entre Angola e Zâmbia, naquela que era conhecida como a 3.ª região político-militar do MPLA, ou, mais comumente, Frente Leste. O objetivo é chamar a atenção para uma parte pouco conhecida, mas crucial, da vida e da obra de um dos protagonistas das lutas de libertação das colónias portuguesas, e questionar o que significava, para um intelectual, participar "ativamente" na luta, numa época em que a legitimidade política era adquirida sobretudo por meios militares.

29 de Maio

**Local:** Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, Auditório 1

**Manhã:** 09:00-12:30

**Painel II:** 09:00-10:30

***O tecelão de redes transnacionais de luta e cultura***

**Moderador:** Miguel de Barros (CESAC)

Esta mesa integra comunicações sobre a inserção de Mário Pinto de Andrade nos movimentos pan-africanos e de negritude, bem como sobre as redes intelectuais, culturais e políticas transcontinentais que atravessaram África, Europa e as diásporas negras, com particular atenção à Présence Africaine e aos congressos internacionais de escritores e artistas negros.

## **Comunicações:**

**Mário Pinto de Andrade: entre Portugal e França (1954-1955)** – Miguel Cardina (Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra)

**Resumo:** Esta intervenção procura iluminar aspetos do trajeto biográfico e intelectual de Mário Pinto de Andrade, centrando-se na sua saída de Portugal, em 1954, e a chegada a França. Procurará realçar a forma como essa saída se processou, a integração num novo contexto e a atividade inicial na *Présence Africaine*, com destaque para a análise de dois textos aí publicados – um centrado na crítica ao lusotropicalismo; outro dedicado a denunciar o “massacre de Batepá” – identificando a sua importância e algumas das suas refrações.

**Mário Pinto de Andrade: Exílio e solidariedade anticolonial** – Livia Apa (Investigadora independente)

**Resumo:** «Enquanto eterno dissidente, era natural que se tornasse um eterno exilado». É com estas palavras que o economista guineense Carlos Lopes descreve o percurso existencial e intelectual de Mário Pinto de Andrade. Juntamente com outras figuras das antigas colónias portuguesas, Mário Pinto de Andrade optou por exilar-se em Paris na década de 1950, numa época em que a capital francesa era o ponto de encontro de muitos atores que, tal como ele, concebiam o anti-colonialismo como uma prática cultural e política. Traçar a longa série de exílios de Mário Pinto de Andrade, permite reconstruir uma geografia das múltiplas formas de resistência que abriram, entre os anos 1950 e 1960, um período fortemente marcado por intensos intercâmbios entre militantes provenientes de diferentes experiências coloniais, capazes de colocar o facto anticolonial no centro, independentemente dos contextos específicos de origem.

**Contributo Teórico e Político de Mário Pinto de Andrade para as Redes Transnacionais de Solidariedade Anticolonial e Anti-imperialista** – Vítor Barros (Instituto de História Contemporânea — NOVA FCSH)

**Resumo:** Mário Pinto de Andrade foi, incontestavelmente, um dos pensadores anticoloniais africanos que mais circulou e participou nas atividades políticas de diversas redes transnacionais de solidariedade anticolonial e de militância anti-imperialista. O propósito desta comunicação é destacar o seu contributo teórico e político para a elaboração e o fortalecimento de um pensamento anticolonial de alcance global, através da interpretação crítica que desenvolveu acerca das ramificações entre o colonialismo português, o imperialismo internacional e as múltiplas violências decorrentes dessa imbricação cúmplice, praticadas pelas autoridades coloniais contra as populações e nos territórios ocupados por Portugal em África. Tomando como objeto de análise a sua atuação no Congresso Mundial para o Desarmamento e a Paz, realizado em Moscovo, em julho de 1962, esta comunicação evidencia de que modo Andrade renovou a crítica do pensamento anticolonial e aprofundou a compreensão da militância anti-imperialista em escala global.

**Mário Pinto de Andrade e o seu “interlúdio africano”. Redes políticas e intelectuais a partir de Conakry (1960-1961)** – Helena Wakim Moreno (FCHS-UNESP/IHC-FCSH-UnL)

**Resumo:** Em maio de 1960, Mário Pinto de Andrade desembarcava em Conakry como membro da Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional dos Territórios sob Dominação Colonial Portuguesa (FRAIN). Esta estadia reservou desdobramentos significativos para a sua biografia. A partir de Conakry, publicizou em círculos intelectuais guineenses dimensões da cultura dos então

territórios sob dominação colonial portuguesa, além dos desmandos do colonialismo português na África. Não menos relevante foram as conexões internacionais ensejadas a partir de embaixadas de países africanos e asiáticos, ali estabelecidas na aurora do governo de Sékou Touré. Este “interlúdio africano” entrelaça heranças políticas e intelectuais do seu período de formação em Luanda, Lisboa e Paris, semeando condições para alçar projetos mais ambiciosos vindouros. Esta comunicação apresenta aspectos do seu “retorno à África” após mais de uma década estabelecido na Europa.

**Pausa-café:** 10:30-11:00

**Mesa-redonda II:** 11:00-12:30

***“As Origens” – Mário Pinto de Andrade e os estudos sobre o movimento negro-africano de Lisboa do início do século XX*** – Cristina Roldão (Iscte-IUL e ESSE/IPS), José Augusto Pereira (Gabinete de Estudos Olissiponenses) e Pedro Varela (Cies-Iscte – Instituto Universitário de Lisboa)

**Resumo:** Ainda é pouco reconhecido o papel central de Mário Pinto de Andrade no estudo sobre a mobilização política negro-africana que, entre a Primeira República e o início do Estado Novo, se organizava em Lisboa e estava integrada no movimento pan-africanista internacional. Na década de 1980, o militante político angolano e intelectual de múltiplos saberes realizou diversas conferências sobre aqueles a que designou como “protonacionalistas”, tendo deixado entrevistas, documentos e artigos que testemunham o percurso das suas investigações. Destaca-se, neste conjunto, a obra póstuma, inacabada, dedicada em grande medida a este movimento: “Origens do Nacionalismo Africano - Continuidade e Ruptura nos Movimentos Unitários Emergentes da Luta Contra a Dominação Colonial Portuguesa: 1911–1961”. Propomos percorrer os itinerários

de pesquisa e reflexão que Mário Pinto de Andrade nos legou, a partir do seu contributo pioneiro para a compreensão da luta pela emancipação dos povos negros ao longo do século XX.

**Almoço:** 12:30-14:30

**Tarde:** 14:30-18:30

**Painel III:** 15:00-16:30

***Cultura, literatura e política nas lutas de libertação africanas***

**Moderadora:** Marissa Moorman (Universidade de Wisconsin-Madison)

As comunicações neste painel propõem-se a refletir sobre o papel da cultura e da literatura como instrumentos de resistência, mobilização e emancipação, analisando a obra crítica e editorial de Mário Pinto de Andrade – nomeadamente as antologias poéticas – e a sua conceção da palavra como força histórica e política.

**Comunicações:**

**Mário Pinto de Andrade: um impulsionador das literaturas africanas escritas em português** – Salvador B. D. Tito (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

**Resumo:** Mário Pinto de Andrade (MPA) é um nome incontornável no domínio das literaturas africanas escritas em português. Assim, por reconhecimento do prestígio desta figura angolana, esta comunicação tem como escopo principal avaliar a contribuição de MPA na difusão das literaturas africanas escrita em português. O corpus desta intervenção é constituído por três obras organizadas por

MPA: I. Poesia negra de expressão portuguesa (coorganizada com Francisco José Tenreiro); II. Na noite grávida de punhais (Antologia temática de poesia africana vol. 1) e III. O canto armado (Antologia temática de poesia africana vol. 2). Num primeiro momento, ambiciona-se analisar os poemas das três obras e contextualizá-los, tendo em conta o tempo da sua produção e organização. Numa fase posterior, será valioso compreender a função da poesia, segundo o ideal do MPA. Este exercício ainda nos permite discutir as necessidades de uma organização literária austera e de uma História crítica das literaturas africanas escritas em português, pois estas tão bem enriquecem o panorama literário africano e mundial.

**Mário Pinto de Andrade e a internacionalização da luta anticolonial, entre ensaio e trabalho editorial** – Noemi Alfieri (CHAM – Centro de Humanidade, NOVA-FCSH)

**Resumo:** Nesta comunicação, reflete-se sobre o papel de Mário Pinto de Andrade enquanto ensaísta e editor, com destaque para o papel de mediação entre diferentes culturas, sempre com o intuito de consciencializar sobre a causa do povo angolano e sobre as consequências da opressão colonial portuguesa. Destacam-se, a esse propósito, a publicação de “Que est-ce que c'est le lusotropicalisme” (Présence Africaine, Outubro- Novembro 1955), sob o pseudónimo de Buanga Fele, e a organização de antologia e coletâneas. Para além das antologias organizadas em colaboração com Francisco José Tenreiro, destaca-se a publicação em italiano de Letteratura Negra (Editori Riuniti, 1961). Levaremos a cabo uma primeira abordagem da organização dessa antologia e da sua importância para a internacionalização da causa anticolonial nas diásporas europeias.

## **Cultura e política no trabalho editorial de Mário Pinto de Andrade** – Jessica Falconi (CEsA-ISEG, Universidade de Lisboa)

**Resumo:** Esta comunicação propõe uma releitura da produção intelectual de Mário Pinto de Andrade com o objetivo de salientar a articulação entre cultura e política no seu vasto trabalho editorial e ensaístico sobre literatura, raça, negritude e colonialismo. Partindo de textos produzidos durante a década de 1950, a comunicação analisa esta produção enquanto espaço privilegiado de formulação teórica e intervenção política. Propõe-se, nesse sentido, o conceito de “paratextualidade anticolonial” para designar uma prática discursiva através da qual Andrade mobilizou os limiares do texto – prefácios, introduções e enquadramentos editoriais – como instrumentos de contestação aos regimes coloniais de leitura e de reinscrição das subjetividades africanas no espaço público.

**Conferência de encerramento:** 16:30-18:00

**Moderadora:** Marta Lança (BUALA)

## ***Mário Pinto de Andrade e a Cultura enquanto Campo de Libertação*** – Inocência Mata (FLUL/CEComp)

**Resumo:** Num momento em que as Independências africanas tendem a oscilar entre a celebração ritualística e a desilusão retrospectiva, visitar Mário Pinto de Andrade significa deslocar o debate da memória para a crítica histórica. A libertação surge, então, não como acontecimento concluído, mas como processo inacabado, atravessado por tensões, divergências memoriais, disputas ideológicas e desafios permanentes da descolonização política, cultural e epistémica. É nesse horizonte que o pensamento andradiano adquire renovada atualidade: ao insistir na necessidade de pensar criticamente a nação, a cultura e o poder, Mário recusa tanto as nostalgias imperiais quanto o que constituiriam os

dogmatismos pós-coloniais. Esta intervenção propõe, assim, uma leitura da obra de Mário Pinto de Andrade a partir da centralidade da Cultura enquanto espaço estratégico da libertação. Em diálogo com figuras como Aimé Césaire, Frantz Fanon e Amílcar Cabral, pretende-se mostrar como o intelectual angolano construiu um pensamento atento às relações entre literatura, consciência histórica, nacionalismo e emancipação. Mais do que celebrar uma figura histórica, trata-se de reinscrever no presente uma tradição intelectual africana que pensou a liberdade como tarefa crítica permanente.

## 30 de Maio

**Manhã:** 09:00-12:30

### *Itinerários de Mário Pinto de Andrade em Lisboa*

Neste evento coorganizado com a Associação Batoto Yetu e orientado por historiadora Ângela Coutinho, realiza-se um passeio por lugares que marcaram a vivência e militância de Mário Pinto de Andrade em Lisboa, enquanto estudante do Ensino Superior. Para mais informações sobre como participar nesta actividade, visite os sites da Batoto Yetu e da CCGB.

**Tarde:** 16:00-20:30

**Local:** Espaço Cultural Mbongi 67 (Praceta António Sérgio, nº 4 A, Queluz)

## SESSÃO CULTURAL

**Mote:** Cultura como instrumento de libertação dos povos

**Moderação:** Rita Ié (CCGB)

**16:00-16:10** | Boas-vindas

**16:10-16:20** | Animação cultural: Braima Galissa

**16:20-17:50** | Roda de conversa:

*Pensar o nacionalismo africano e o pan-africanismo desde as "origens": uma conversa a partir do livro "Origens do Nacionalismo Africano"*

**Orador:** Apolo de Carvalho (militante pan-africanista)

**17:50-18:30** | Ler através do Mário (sessão de leitura ao ritmo de korá)

Leitura e comentário de três fábulas de Angola, adaptadas e/ou traduzidas por Mário Pinto de Andrade: *O Galo e a Raposa; A Perdiz e o Cágado; O Homem e o Cágado*.

Leitura do poema "Muimbu ua Sabalu" ou "Canção do Sabalu"

**18:30-20:30** | "Sambizanga" – exibição de filme, seguida de debate

**Oradores:** Annouchka de Andrade (especialista no cinema de Sarah Maldoror, património cultural e produção), Ruth Wilson Gilmore (geógrafa e académica-militante) e Manuel dos Santos (sociólogo, historiador e ativista)

**Sinopse do filme:** Domingos Xavier, um activista revolucionário angolano, foi preso pela polícia secreta portuguesa e encarcerado em Luanda. Determinada a encontrar o marido, Maria deixa a aldeia com o bebé às costas, ajudada na sua busca por homens e mulheres sensíveis à sua história e à causa de Domingos. Através da trajetória de Maria, o filme evidencia a brutalidade do colonialismo português, mas também a solidariedade entre os angolanos e a dignidade daqueles que participaram na

luta pela independência. Sambizanga é simultaneamente um filme político, um tributo às resistências africanas e um retrato profundamente humano da coragem cotidiana.

**Ficha técnica:** Realizadora: Sarah Maldoror. Produção: Isabelle Film. Argumento: Maurice Pons, Sarah Maldoror e Mário de Andrade. Baseado em "A Vida Real de Domingos Xavier", conto de Luandino Vieira. Publicado inicialmente em 1972 (102 min, DCP, cor, França) e restaurado em 2021 por World Cinema Project da The Film Foundation e pela Cineteca di Bologna à l'Image Retrouvée, em associação com as Éditions René Château e a família de Sarah Maldoror.

**Amadú Dafé** – natural de Ingoré, norte da Guiné-Bissau. É cofundador da Casa da Cultura da Guiné-Bissau, em Lisboa, membro da Associação de Escritores da Guiné-Bissau e do Centro PEN Guiné-Bissau e foi apresentador do programa Mar de Letras da RTP África. São da sua autoria *Magarias*, 2017; *Ussu de Bissau*, 2019; *Jasmim*, 2020; *A Cidade que Tudo Devorou*, 2022; e *A Selva Mágica das Sarnadas de Ródão*, 2023. É coautor de *Fora de Jogo*, 2019; e, em 2021, organizou a publicação do livro *Florbela Espanca – Alma Sonhadora, Irmã Gémea de Fernando Pessoa*. A sua mais recente publicação intitula-se *Ainda Te Manifesto*, 2025. Vencedor do “Prémio Matilde Rosa Araújo” e do “Prémio Literário José Carlos Schwarz”.



**Ana Lúcia Sá** – Doutora em Sociologia, é Professora Auxiliar em Estudos Africanos no ISCTE-IUL, onde também é subdiretora da Escola de Sociologia e Políticas Públicas e do Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas. É também membro da Direção da AEGIS, Rede Europeia de Estudos Africanos. A sua investigação centra-se em sistemas autoritários em África, elites políticas e participação política.



**Ângela Benoliel Coutinho** – doutorada em História da África Negra Contemporânea pela Universidade de Paris I – Panthéon-Sorbonne, em 2005. Foi leitora no Departamento de Português na Universidade de Paris X – Nanterre, docente no ensino superior privado no Mindelo, em Cabo Verde, e bolsista de pós-doutoramento da FCT. Tem artigos e capítulos de livros publicados em diversos países, assim como a sua tese intitulada “Os dirigentes do PAIGC – da fundação à cisão, 1956-1980”, publicada pela Imprensa da Universidade de Coimbra. Desde 2007 tem colaborado em projetos de salvaguarda do património histórico de Cabo Verde, com financiamento da BRENDA/UNESCO – Dakar e do World Monuments Fund – New York. É investigadora integrada no IPRI – Universidade Nova de Lisboa, associada ao CEIS20 – Universidade de Coimbra e integrante da equipa nacional de Cabo Verde da História das Lutas de Libertação nos PALOP, através da Fundação Amílcar Cabral. Em 2025 mereceu uma menção honrosa do 1º Prémio Mário Soares - Liberdade e Democracia, da Assembleia da República Portuguesa, pelo seu programa na RTP-África "Dossier África", de divulgação histórica.



**Annouchka de Andrade** – fundadora e diretora executiva da associação The Friends of Sarah Maldoror and Mário de Andrade (desde 2018). Com mais de 30 anos de experiência em cooperação cultural internacional, especializou-se em audiovisuais, património cultural e produção em França, Espanha, Colômbia, Bolívia, Venezuela, Peru e Equador. Prestou assistência técnica a Sarah Maldoror nos últimos 20 anos. Annouchka foi também Diretora Artística do Festival Internacional de Cinema de Amiens, que destaca o cinema independente e os filmes africanos e sul-americanos.



**Apolo de Carvalho** – doutorando no Programa Pós-Colonialismos e Cidadania Global do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. É mestre em Relações Internacionais pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e em *Politique et Développement en Afrique et dans les Pays du Sud* pela Sciences Po Bordeaux. Licenciado em Relações Internacionais pela Universidade de Coimbra. Atualmente colabora como investigador associado no Frame Colectivo, um atelier de arquitetura, pesquisa e arte. É militante panafricanista que tem coorganizado, entre outras ações, as Konferência Panafrikanu, desde 2018, e Marxa Cabral, desde 2024, em Lisboa.



**Cristina Roldão** – socióloga, investigadora do Iscte-IUL e docente da ESE/IPS. Tem participado ativamente no debate académico e público sobre o racismo e a negritude na sociedade portuguesa, onde, desde 2019, co-coordena o *Roteiro para uma Educação Antirracista*. Para além da pesquisa no campo da educação, é coautora do livro *Tribuna Negra: Origens do Movimento Negro em Portugal (1911-1933)* e co-editora da edição comemorativa dos 110 anos do jornal *O Negro* (Lisboa, 2021) e do recente livro *AfroEuropeans: Identities, Racism, and Resistances* (Routledge, 2025). Fez parte da comissão organizadora da 7ª Conferência *AfroEuropeans* (Lisboa, 2019), foi cronista do jornal *Público* e membro dos *Grupos de Trabalho sobre o Plano Nacional de Combate ao Racismo* e sobre a *Recolha de Dados Étnico-raciais nos Censos 2021*. Integra o Steering Committee do *Center for Black European Studies and the Atlantic* (Carnegie Mellon University) e a equipa de docents da *Black Europe Summer School*.



**Edson Incopté** – nascido em 1987 em Bissau, é um poeta, escritor e africanista guineense. Licenciou-se em Estudos Africanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, dedicando-se também a iniciativas cívicas e literárias. Publicou obras como *Insana Rebeldia* (2012), *Setembro Adormecido* (2014) e integrou várias antologias poéticas e de contos. Recebeu diversos prémios, incluindo o Prémio Literário José Carlos Schwarz. Em 2022, participou da Residência de Escrita da Universidade de Iowa, tornando-se membro honorário do International Writing Program. Atualmente é Secretário do Centro PEN Guiné-Bissau e da Associação de Escritores da Guiné-Bissau.



**Elisa Scaraggi** – bolsista Marie Curie no Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. A sua investigação centra-se no entrelaçamento entre experiências pessoais e coletivas em arquivos pessoais, bem como em autobiografias, memórias e outras obras de escrita de vida. Atualmente investiga o arquivo pessoal do intelectual e homem político angolano Mário Pinto de Andrade, como uma chave para descobrir novas narrativas sobre o passado recente de Angola e a relação entre cultura e nacionalismo.



**Helena Wakim Moreno** – Professora do Departamento da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de História da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Pela sua tese de doutoramento (2022), defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social na Universidade de São



Paulo obteve, entre outras distinções, o 25º. Prêmio Mário Soares -Fundação EDP (Portugal). Foi bolsista de diversas instituições no Brasil e em Portugal, com destaque para a Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo (Brasil) e Fundação Calouste Gulbenkian. Tem ampla experiência em trabalho de campo e em pesquisa em arquivos em Angola, Portugal e Brasil. Atualmente integra diferentes redes de pesquisa internacionais e é Coordenadora do Grupo de Trabalho de História da África da Associação Nacional de História – Seção São Paulo, é Pesquisadora Associada do Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo e Investigadora Colaboradora do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa.

**Henda Ducados** – filha da cineasta francesa Sarah Maldoror e do escritor, poeta e nacionalista angolano Mário Pinto de Andrade. A sua infância, partilhada com a irmã Annouchka de Andrade, desenrolou-se entre Marrocos, Argélia e França, num ambiente multicultural e profundamente ligado à arte e à política. É formada em Economia pela *Loyola University Chicago*, em Sociologia pela *London School of Economics* e doutoranda em Estudos Urbanos no ISCTE-IUL, onde desenvolve investigação sobre as relações entre memória, narrativa e espaço urbano em contextos pós-coloniais. Em 2020, co-fundou com a irmã a Associação dos Amigos de Sarah Maldoror e Mário Pinto de Andrade, com a missão de preservar, valorizar e divulgar o legado político e cultural dos seus pais — duas figuras incontornáveis que usaram a cultura como instrumento de emancipação e liberdade dos povos.



**Inocência Mata** – doutora em Letras pela Universidade de Lisboa, especialidade em Literaturas Africanas, com pós-doutoramento em Estudos Pós-coloniais (Universidade de Califórnia, Berkeley). Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) na Área de Literaturas, Artes e Culturas e membro do Centro de Estudos Comparatistas (CEComp/FLUL). De 2014 a 2018 foi professora visitante na Universidade de Macau, onde foi *deputy head* do Departamento de Português e diretora do Centro de Estudos Luso-Asiáticos. É membro de várias associações de especialidade. Professora convidada de muitas universidades, nacionais e estrangeiras, tem colaboração dispersa em jornais e revistas da especialidade, é autora de livros de ensaios na área de literaturas em português e estudos culturais e pós-coloniais.



**Jean-Michel Mabeko Tali** – doutorado em História pela Universidade Paris VII, mestre em Estudos Africanos pela Universidade Bordeaux III e licenciado em História e Geografia pela Universidade de Saint-Étienne, em França. Foi membro do Comité Científico Internacional da UNESCO para o Uso Pedagógico da *História Geral de África*, tendo sido igualmente contribuidor do volume XI da obra, no qual redigiu o capítulo 17. Professor Catedrático de História de África na Universidade Howard, em Washington, D.C., ensaísta e especialista em história política de Angola, foi distinguido pelo Ministério da Cultura de Angola com o Prémio Nacional da Cultura, na área das Ciências Sociais, em reconhecimento pelo seu trabalho de investigação e pelas suas publicações sobre Angola.



**Jessica Falconi** – Vice-Presidente e investigadora integrada do CESA- Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento do ISEG, Universidade de Lisboa. É Professora auxiliar convidada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa onde leciona na área das literaturas e culturas africanas.



**José Augusto Pereira** – investigador no Gabinete de Estudos Olissiponenses. Licenciou-se em História na Universidade de Coimbra e é mestre em História dos Séculos XIX e XX pela Universidade Nova de Lisboa. Tem pesquisado o colonialismo e o anticolonialismo no século XX. O seu esforço tem-se centrado na compreensão dos processos de contestação ao colonialismo e de luta pela independência na Guiné e no arquipélago de Cabo Verde. Mais recentemente, tem trabalhado no inventário das organizações do movimento negro português entre 1911 e 1933. Participou na edição comemorativa dos 110 anos do jornal “O Negro” e é coautor do livro “Tribuna Negra: Origens do Movimento Negro em Portugal (1911-1933)”.



**Julião Soares Sousa** – doutorado em História Contemporânea pela Universidade de Coimbra (2008), Investigador Auxiliar do Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra e Investigador Integrado do Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra (CEIS20). É autor de um livro sobre Amílcar Cabral distinguido em 2011 com o prémio Fundação Calouste Gulbenkian em História Moderna e Contemporânea da



Academia Portuguesa de História. Em 2021, foi distinguido com o Diploma de Mérito pela Fundação Amílcar Cabral (Cabo Verde). O seu interesse pela investigação centra-se no colonialismo, no anticolonialismo e no pós-colonialismo em África, nomeadamente nas antigas colónias portuguesas, História de África, História Ambiental, Cisão Sino-Soviética, a Guerra Fria e a Construção da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Ao longo dos anos publicou mais de três dezenas de artigos, capítulos de livros e livros (alguns deles em coautoria) em Portugal e no estrangeiro.

**Livia Apa** – africanista de formação, é uma investigadora independente que trabalha na área dos estudos literários e culturais dos países de língua portuguesa. Os seus atuais interesses de pesquisa são o pensamento anticolonial e a teoria da tradução. Traduz do português e do francês, principalmente poesia (Ruy Duarte de Carvalho, Ana Luísa Amaral, Mia Couto, Luís Carlos Patraquim, José Eduardo Agualusa, Ondjaki, Ana Paula Tavares, Felwine Sarr). É membro do conselho editorial da revista *Gli Asini*, de Bolonha. Vive atualmente em Lisboa.



**Luca Fazzini** – Investigador FCT no Centro de Estudos Comparatistas (CEComp) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde também é Subdirector do Doutoramento em Português como Língua Estrangeira/Língua Segunda (PLE/PL2). É doutor (2019) em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e autor de *Versões do Horror: Guerra e Testemunho no Romance Português e Italiano Contemporâneo* (2019), *Cidades do Atlântico. Literatura,*



*Biopoder e Colonialidade* (2025), e editor dos volumes *Escritas Afroeuropeas em Diálogos Atlânticos* (Teresina, Cancioneiro, 2025) e *Ficções do Império: (Re)Visões da Literatura Colonial Portuguesa* (Lisboa, Almedina, 2025). É Investigador responsável pelo projeto *Lisbon as an Afro-Atlantic City: Postcolonial Perspective for a Comparative Approach in Portuguese* (2021.02226.CEECIND) e membro do Projeto *A Literatura Colonial Portuguesa: Além da Memória do Império* (2022.06543.PTDC).

**Manuel L. Dias dos Santos** – 55 anos, africano de Angola (filho das terras das acácias rubras), sociólogo e historiador, militante interseccional, pan-africanista, anti-racista, anti-sionista e rastafari com percurso em diferentes áreas da cultura (Curadoria, Literatura, Cinema, TV, Teatro, Produção de Eventos, etc.), docência no ensino secundário e superior, associativismo (associado e membro-fundador de diversas Associações cívicas, iniciativas e colectivos, jornalismo (radiofónico e escrito, comentário e análise na mídia nacional e internacional), consultoria (cultural, política, econômica e social), activismo cívico e formação (trabalhando campos como o desenvolvimento comunitário, workshops artísticos, etc). Possui interesses em diversos campos das ciências sociais e humanas, sendo um crente incondicional da multidisciplinarietà pedagógica, académica e cultural.



**Marissa J. Moorman** – Professora Catedrática de Estudos Culturais Africanos na University of Wisconsin-Madison, Doutorada em História de África (2004) pela University of Minnesota, EUA, e autora das obras *In-tonations: a Social History of Music and Nation Luanda, Angola, 1945 to Recent Times*, EUA, Ohio University Press, 2008, *Powerful*



*Frequencies: Radio, State Power, and the Cold War in Angola, 1931-2002*, EUA, Ohio University Press, 2019. Os dois livros foram traduzidos e publicados em português. A autora, para além de diversas publicações sobre música, media, moda, cinema, rádio e espaço urbano, foi a diretora do Centros de Estudos Africanos na University of Wisconsin-Madison e editora do jornal académico *The Journal of African History*, Cambridge University Press. Fez parte do conselho editorial do blogue *Africa is a Country* de 2014-2024; e é membro do coletivo editorial *Radical History Review*. Durante o ano lectivo 2025-26, foi membro do Institute of Advanced Study em Princeton, New Jersey.

**Marta Lança** (Lisboa, 1976) – escritora, editora, tradutora e programadora cultural. Fundadora e directora editorial do BUALA, plataforma dedicada às culturas contemporâneas do Sul global e às práticas afro-diaspóricas, cruza no seu trabalho pensamento crítico, memória colonial e artes.



O seu percurso articula edição, curadoria, jornalismo cultural, tradução e cinema, com intervenção continuada em vários países lusófonos. Colabora regularmente com revistas, jornais e projectos académicos. O seu trabalho posiciona-se na intersecção entre cultura, política e práticas decoloniais. Traduziu autores centrais como Achille Mbembe e Felwine Sarr para português. Tem formação em Estudos Portugueses na FCSH, Universidade Nova de Lisboa.

**Miguel Cardina** – investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Coordenou o projeto de investigação «CROME- Crossed Memories, Politics of Silence. The Colonial-Liberation Wars in Postcolonial Times», financiado pelo European Research Council (ERC –



Conselho Europeu para a Investigação). Publicou várias dezenas de livros, artigos e capítulos de livros académicos sobre: a história do século XX português; a história dos "longos anos sessenta" numa perspetiva global; a história das oposições ao Estado Novo; a história política e das representações do colonialismo, do anticolonialismo, da guerra, da luta de libertação e das descolonizações; e a análise dos usos do passado.

**Miguel de Barros** – sociólogo e coordenador da Célula de Pesquisa em História, Antropologia e Sociologia do Centro de Estudos Sociais Amílcar Cabral (CESAC/ Guiné-Bissau).



**Noemi Alfieri** – Investigadora Auxiliar em História da Imprensa Colonial no CHAM – Centro de Humanidades (NOVA-FCSH) e Investigadora Visitante da Cátedra Agostinho Neto, ocupando-se de redes anticoloniais e de “solidariedade” na Itália, especialmente no que concerne a circulação de escritores angolanos. Foi visitante do Africa Multiple (Universidade de Bayreuth), do African Studies Centre (Universidade de Leiden) e do ISCED-Luanda. Tem se ocupado de redes anticoloniais e literatura com foco na circulação de ideias e impressos, mas também com uma preocupação específica na sub-representação das mulheres nessas mesmas redes, e nos desequilíbrios que as caracterizaram. Trabalhou nas conexões entre a *Mensagem*, da Casa dos Estudantes do Império, a *Présence Africaine* e *Black Orpheus*. É membro dos Conselhos Editoriais de *African Diaspora* (Brill), *Cultura*, e *Práticas da História*.



**Pedro Varela** – investigador do Cies-Iscte (Instituto Universitário de Lisboa) e faz parte da equipa do projeto “Pericreativity: Criatividades Periféricas: Juventude, Arte e Políticas Públicas em Territórios Segregados”. Doutorou-se no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra em Direitos Humanos; realizou o mestrado em Antropologia no Iscte-IUL; e licenciou-se em Arquitetura Paisagista no Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa. Tem desenvolvido pesquisa e trabalho de campo sobre antirracismo, segregação, práticas artísticas, agricultura urbana e conservação comunitária. É coautor do livro “Tribuna Negra: Origens do Movimento Negro em Portugal (1911-1933)”.



**Rita lé** – natural da Guiné-Bissau e residente em Portugal, onde se formou em Sociologia e Planeamento pelo ISCTE-IUL. É escritora emergente, tendo participado em várias antologias, nomeadamente, “Recados de paz”, “Traços no Tempo II”, “Todas as palavras que não de vir”, “Poesia da Língua Toda” e “Português Lugar de Escrita – Mulheres na Poesia”. É membro-fundador do PEN Guiné-Bissau e integra o grupo de gospel Soul Gospel Project como cantora. É membro-fundador e Directora-Geral da Casa da Cultura da Guiné-Bissau, em Portugal.



**Ruth Wilson Gilmore** – geógrafa, académica-militante e proeminente ativista abolicionista penal norte-americana. É amplamente reconhecida como a fundadora do campo da geografia carcerária, que estuda como o espaço, a economia política e as instituições se interligam para moldar o sistema prisional moderno.



**Salvador Bonifácio Domingos Tito** – Doutorando em Literatura de Língua Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É investigador no Grupo de Recolha e Estudo de *Corpus Oral do Português de Angola* (GRECORPA), na Rede de Investigação Científica sobre Angola – *Angola Research Network* – e membro investigador em formação no Centro de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.



**Tony Tcheka (António Soares Lopes Júnior)** – poeta e jornalista. Foi um dos “Meninos da Hora do Pindjiguiti” que lançaram o primeiro livro da Guiné-Bissau independente, a antologia poética *Mantenhias para quem luta* (1977). É autor de várias obras, como *Noites de Insónia na Terra Adormecida*; *Guiné Sabura que Dói*; *Desesperança no Chão de Dor e Medo* e *Quando os cravos vermelhos cruzaram o Geba*. Foi diretor de dois dos principais órgãos da comunicação social guineense: Radiodifusão Nacional e *Jornal Nô Pintcha*. Em 2015, publicou *Os Media na Guiné-Bissau*, enquanto perito na área dos media do Programa da União Europeia de Apoio a Atores Não-Estatais. É um dos fundadores da União Nacional de Escritores e Artistas da Guiné-Bissau e da Associação de Escritores da Guiné-Bissau. Apoiou a organização e edição da antologia juvenil *Traços no Tempo* (2009) e, com quatro colegas, criou a Cooperativa e Edições Corubal. Atualmente, é comentador de assuntos políticos africanos na RDP África.



**Víctor Barros** – Historiador, Doutorado em História Contemporânea pela Universidade de Coimbra com uma tese sobre comemorações, usos públicos da história e memória do império nas colónias durante o Estado Novo português, tese essa distinguida no Prémio Internacional de Investigação Histórica Agostinho Neto. Trabalhou como membro do projeto de investigação ‘Amílcar Cabral – Da História Política às Políticas de Memória’. Em 2023 foi investigador na Escola de Altos Estudos Hispânicos e Ibéricos, da Casa de Velázquez, em Madrid, e atualmente encontra-se no Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa. É autor do livro *Campos de Concentração em Cabo Verde: As Ilhas como Espaços de Deportação e Prisão no Estado Novo* e de diversos artigos sobre o colonialismo português em África e os seus legados, anticolonialismo, descolonização, redes transnacionais de solidariedade anticolonial, entre outros.



## **Comissão organizadora:**

Abigail Indi, Amadú Dafé, Ana Lúcia Sá,  
Cláudio António Rumal, Cristina Cruz,  
Ginaida Ensa, Henda Ducados, Jariato Jaló,  
José Lopes Mendes, Lara Pereira, Mamadu  
Alimo Djaló, Miguel de Barros, Mumynatu  
Mummy Turé, Stéphane Laurent, Sumaila Jaló,  
Ronaldo Mendes, Tchernó Amadu Baldé.

# Comissão científica:

Ana Lúcia Sá, Ângela Coutinho, Elisa Scaraggi, Inocência Mata, Jean-Michel Mabeko Tali, Livia Apa, Luca Fazzini, Marissa Moorman, Miguel Cardina, Miguel de Barros, Pedro Cardoso, Sophie Bessis, Teresa Cruz e Silva.

## COORDENAÇÃO EDITORIAL

Sumaila Jaló

## TRADUÇÃO PARA FRANCÊS

Henda Ducados

## FINANCIAMENTO

Associação de Amigos de Sarah Maldoror e Mário Pinto de Andrade

## CONCEPÇÃO GRÁFICA

ClickDev.pt

## FOTO DA CAPA

Google

Tratado por: ClickDev

## ORGANIZAÇÃO



Association of Friends of  
**SARAH & MARIO**  
MALDOROR DE ANDRADE

**CIDAC**

**cei** iscte  
Centro de Estudos  
Internacionais



## APOIOS



FACULDADE DE DIREITO  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

